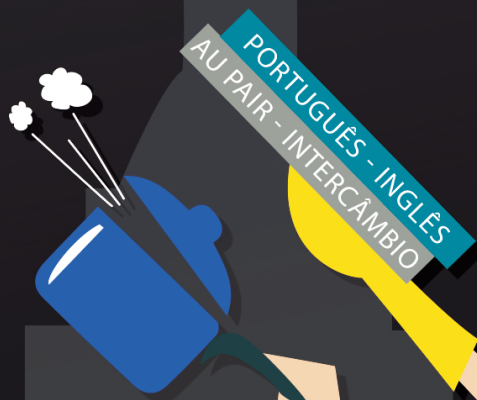


Gisella Depiné Poffo



O Diário de Gisella

Experiências Inesquecíveis
de uma Au Pair



GISELLA DEPINÉ POFFO

O DIÁRIO DE GISELLA

Experiências Inesquecíveis de uma *Au Pair*

Copyright © 2010 by Gisella Depiné Poffo

*À minha mãe Isabel Depiné que sempre
me ensinou que sonhos podem se tornar realidade.
Basta correremos atrás deles.*

AGRADECIMENTOS

Antes de começar a história do meu livro, acho importante e essencial agradecer a algumas pessoas especiais. Sem elas, minha história e o próprio livro não teriam passado de uma simples ideia, de uma intenção.

À minha **Mãe Bella**, primeiramente, que, com tanto carinho e dedicação me apoiou nessa aventura. Desde sempre, me ensinou que precisamos correr atrás de nossos objetivos, pois eles não acontecem sem o árduo trabalho e dedicação. Ela também me ensinou que **Amor** é o que guia nossas vidas. Toda vez que tivermos um problema com alguém, tratemos esse alguém com **Amor**.

Ao meu **namorado Fernando** que, mesmo sabendo que seria difícil ficarmos tanto tempo separados, entendeu a importância da viagem para mim e estava presente em todas as etapas. Ele foi o incentivo para que a viagem se concretizasse. Sempre, com muito carinho e respeito, ele me ajudou antes, durante e depois da viagem.

Ao meu pai **Arides** que, embora havendo certa diferença entre nós e não estando tão presente em minha vida, sei que, acima de tudo, ele torce pelo meu sucesso e felicidade. Eu o amo, de coração.

À minha irmã **Gabriella**, minha melhor amiga e parceira. Sem seus conselhos e seu incentivo não teria conseguido vencer esta guerra. A Gaby sempre esteve junto, brigando e incentivando. Precisei dela, em muitos momentos, e sempre estava lá, apoiando-me e mandando seguir em frente.

Ao meu irmão **Germano**, pois, para ele, simplicidade é tudo. Mesmo quieto e na dele, apoiou-me e ajudou. É Nosso querido Mano!

A toda família, em especial minha **Nona Trude**, que considero mãe, tia, amiga, irmã e a Nona que todo mundo quer ter. Enquanto, para alguns, viajar para fora do país é algo “desnecessário”, para ela é vida, força, curiosidade, deslumbre. Ela é amor, carinho, dedicação e uma pessoa que respeito e escuto muito.

Aos meus **vizinhos Palmira** e à **querida Dani**, que tive a sorte de cuidar dela por muito tempo e me ajudaram com a documentação para a viagem. Sem hesitar, assinaram a documentação várias vezes. A Dani passou sua infância inteira ao nosso lado e foi com ela que aprendi que crianças possuem leveza e amor verdadeiro pelo próximo, sem cobrar nada em troca.

Aos médicos **Jorjan da Cruz** e **Walter Roque Teixeira** pela atenção que me deram, durante a inscrição, com a documentação.

A todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, apoiaram minha ideia da viagem e do livro, desejaram-me sorte e, tão amavelmente, sentaram ao meu lado para perguntar e ouvir a experiência sobre minha história de *Au Pair*...

...meu muito obrigada.

“Não se pode criar experiência. É preciso passar por ela”.
Albert Camus

INTRODUÇÃO

Viajar para fora do país pode ser um sonho para muitos ou um desafio para outros, pressupondo um ato de coragem, muita coragem! Trata-se de um misto de expectativas diante das novas experiências e de força para ficar só, sem a família e os amigos. São estes os sentimentos que muitos jovens vivenciam em um programa de intercâmbio. No meu caso, foi o programa *Au Pair* para moças e rapazes - estes últimos, em menor número.

Acho importante, explicar, brevemente, o que é *Au Pair* (no plural: *Au Pairs*). É uma ajudante da casa que vem de outro país e trabalha e vive com uma família. A idade da *Au Pair* pode variar de acordo com o país, que pode ir da adolescência até os 26 anos. O conceito de *Au Pair*, surgiu na Europa, onde elas trabalham meio período, diferente dos Estados Unidos, onde podem trabalhar o dia inteiro, inclusive nos finais de semana. O título *Au Pair* vem do Francês *au pair* e significa *fazendo parte - on a part ou igual a - equal a*. Em muitos casos, a *Au Pair* é considerada a filha mais velha e é diferente de uma empregada doméstica..

A *Au Pair* surgiu na Europa. Durante a Guerra, os salários das empregadas domésticas aumentaram muito por causa das taxas, fazendo inacessível esse trabalho. No mesmo período, houve um aumento das famílias da classe média com meninas que precisavam ganhar suas próprias vidas e conseguir estudos e experiências estrangeiras. Porém, devido ao estigma de se falar “servante”, principalmente na classe trabalhadora, surgiu a *Au Pair*, algumas diferenças em relação ao trabalho e ao nome. *Fonte: Wikipédia.*

É interessante notar, que a maioria das *Au Pairs* do mundo, são da Europa, seguidas das brasileiras, que estão em segundo lugar na lista. Um dado importante é saber que desde que o site *Au Pair World* foi criado em 1999, mais de 1 milhão e 200 mil pessoas procuraram por uma família ou por uma *Au Pair*. Existem, ainda, membros organizacionais, que são suporte para os programas de *Au Pair* no mundo todo. *Fonte: Au Pair World, Au Pair-world.net.*

Au Pair é um programa de intercâmbio cultural destinado a pessoas que querem trabalhar, estudar, ganhar um dinheiro e acima de tudo conviver com uma família de outro país. É possível, sim, morar fora do Brasil, conviver com famílias estrangeiras, ganhar uma bolsa para estudo e além disso, uma remuneração semanal pelo seu trabalho de cuidar dos filhos dessas famílias. E o mais importante: aprender uma segunda língua.

No meu caso, escolhi um programa que estava sendo representado por uma agência de intercâmbio de Blumenau, em Santa Catarina. No geral, não muito diferente de outros programas: escolher o destino, a família e a cidade que você vai morar. O programa dura em média um ano e você precisa estar disposta a deixar a vida no seu país para encarar o outro, incluindo o idioma, os costumes e a

convivência familiar. São necessários alguns detalhes para se conseguir participar deste programa (isso pode variar de acordo com o programa escolhido). A faixa etária tem de ser entre 18 e 26 anos, gostar de criança - uma vez que este será seu trabalho - e entender um pouco da língua inglesa. Acho importante bater na tecla do “entender um pouco a língua inglesa” pelo fato de eu viajar sem saber praticamente nada do idioma, ficar assustada com isso, mas descobrir que eu não era a única *Au Pair* com este “probleminha”.

Assim que você decide seu destino, no meu caso, os Estados Unidos, o programa lhe auxilia com toda a documentação para dar início ao processo de inscrição. São necessários alguns comprovantes básicos como: atestado de antecedentes criminais; atestado de saúde física e emocional; comprovação que você tenha experiência com crianças (pode ser algum parente ou amigo que você cuidou); carteira de motorista (importante ressaltar que algumas agências tenham isso como obrigatoriedade, mas, sinceramente, vai depender da família que você escolher trabalhar: saber se você vai ter de dirigir com as crianças, ou não); e ter concluído o ensino médio.

Assim que a minha documentação estava pronta e foi enviada ao programa, foi necessário esperar o cadastro ficar pronto para que as famílias, também cadastradas no programa, pudessem entrar em contato. É caso se você tenha o perfil pretendido. É importante ressaltar que as famílias também são cadastradas no programa, assim como nós – as candidatas a *Au Pair*.

Lembro muito bem da ansiedade que senti: parecia que o tempo não passava para receber um contato. Posso deixar aqui uma dica valiosa: paciência. Sim, paciência para esperar alguma família encontrar você. Não existe um prazo fixo, apenas espere. Depois que isso acontecer, você começa a trocar e-mails ou conversar por telefone e conhecer a estrutura da família, a região e opta em fechar ou não com a família.

Eu tive o contato da família por e-mail e, depois de trocarmos alguns, eles me ligaram e fecharam comigo. Eu adorei saber que moraria numa cidadezinha do interior e cuidaria de gêmeos. A agenda de atividades parecia ser interessante.

Passada essa etapa, começa a preparação para a viagem. Malas, roupas, calçados e acima de tudo, ansiedade. Mas, confesso, é uma ansiedade maravilhosa. Existe a preocupação de ser aceita ou não, como em qualquer outra decisão que tomamos na vida, mas você começa a pensar em deixar a família e encarar a vida em outro país.

Quero que meu livro traga as experiências que eu tive, juntamente com as de outras *Au Pairs*, com quem convivi, próximas da minha cidade. Entendo como é difícil acreditar que um programa de intercâmbio como esse pode ser tão bom. Existem problemas? Sim, e muitos, mas nada além daqueles que encaramos diariamente no nosso país, na nossa casa ou com nossos familiares. Será possível perceber que minha história foi “um pouco” diferente das demais. Talvez, pelos

inúmeros casos que aconteceram comigo e que nenhuma outra *Au Pair* que eu conheci tenha vivenciado. Foi então que surgiu a ideia do livro. Esclarecer e poder explicar que as coisas funcionam diferentes para cada *Au Pair*. Cada uma delas tem sua história, seus medos e expectativas. Não poderia ficar falando apenas da minha experiência, pois pode ser indiferente para outra *Au Pair*. Quero deixar claro que este livro é apenas uma lembrança do meu ano e não normas que devem ser seguidas por ninguém.

Dividi meu livro em 12 capítulos. Acho que toda *Au Pair*, que já viajou, contava o tempo para voltar para casa ou para estender o programa em meses. Pelo menos comigo foi desse jeito. Pela experiência que tive, cada mês me senti como se eu estivesse em uma etapa do programa e vencendo cada uma delas. Acredito que muitas *Au Pairs* não irão concordar com o que eu escrevo aqui. Outras, ainda, passaram por experiências muito melhores ou piores, às vezes com menos ou mais detalhes. Não fiz o livro para ele ser uma regra, muito pelo contrário, quero deixar claro que *Au Pair* e famílias não se comparam. Quero, apenas, dividir, aqui, minhas experiências, alegrias, tristezas e aprendizado.

E aqui começa...

Estados Unidos, 24 de dezembro - Véspera de Natal.

Estou parada do lado de fora da estação de Ramsey, cidade do interior de New Jersey nos Estados Unidos esperando o tempo passar para pegar o próximo trem até Goshen – New York, cidade vizinha na qual está minha prima Tina, que também trabalha como *Au Pair*.

Apesar de ainda não estar nem perto do frio que costuma fazer aqui, o clima gelado é opressor e a quietude do local reforça ainda mais a sensação de solidão que sinto nesta terra estranha. A excitação de morar em um país estrangeiro é substituída pelo vazio e pela saudade das pessoas que amamos quando se está sozinha em um dos dias mais importantes do ano, o Natal, dia de celebrar a religiosidade e a fé, o conagraçamento com a família, as tradições que foram cultivadas na história pessoal. Da janela do carro, vejo apenas a neve caindo. É lindo, mas para quem não está acostumado, a sensação é que o mundo vai acabar. Calçadas vazias, lojas fechadas e o chão todo branco.

Subitamente, meu telefone celular toca. É Patrice, minha *hostmother*¹. Ainda não gosto de falar ao telefone, já que não entendo grande parte do que ouço e tenho dificuldade em compor e articular minha resposta:

- O que aconteceu, Gisella? - Pergunta do outro lado uma voz preocupada que me intriga. Calmamente, respondo:

- Nada, Patrice, por quê? – neste momento já estou com o corpo tremendo, pressupondo que algo está errado.

- Por que a polícia acabou de me ligar dizendo que você sofreu um acidente e bateu em outro carro.

Fico assustada, ainda tentando traduzir o que ela falou. Neste momento, meu nervosismo é um agravante que dificulta minha comunicação:

- Como assim? Quando? Eu estou parada na estação dentro do carro, esperando meu próximo trem, pois perdi o anterior! Não aconteceu nada! – disse, com medo da reação dela e sem falar nada correto em inglês. Não tinha certeza se ela podia me entender.

Patrice pergunta minha localização e completa mandando que fique parada onde estou, pois a polícia virá falar comigo. Rapidamente perguntou se estava tudo bem comigo. Respondo que sim e desligo o telefone, em choque, apavorada. Não consigo entender o que está acontecendo. Percebi que Patrice estava enfurecida.

Passam-se dez minutos e aparece um carro da polícia do outro lado da estação. Dois policiais, desses que vemos em filmes ou seriados, uniformizados de

¹ *Hostmother* é o nome que damos para a mãe da família.

preto, descem da viatura e me fazem um sinal para que eu me dirija até o outro lado. Faço o que mandam. Quando estou perto, abro a janela do motorista e pergunto bastante aflita:

- O que está acontecendo? O que eu fiz?

Neste instante, meu desespero é grande, assim como a sensação de solidão e desamparo. Não contendo o choro e tudo que consigo pensar é que queria estar em casa, no Brasil, ao lado de minha mãe, meus irmãos e meu namorado. Em casa minha preocupação seria tão singela: os preparativos para a ceia de Natal.

De longe, não era assim que imaginava começar o sonho de viver em um país estrangeiro...

Meses antes...

Para chegar até aqui, é bom explicar como era minha vida, minhas rotinas e minha história. Desde quando morava em minha cidade natal, Ascurra, no interior do estado de Santa Catarina, município com apenas sete mil habitantes, sonhava em viajar mundo afora, conhecer pessoas de outros lugares e aprender línguas.

Para mim, não foi difícil ter esse pensamento. Cidade pacata, dessas que você não vê ninguém na rua após as vinte horas ou que, quando termina o açúcar, você bate na casa do vizinho e o devolve apenas no final do mês, depois que for ao supermercado. Ascurra, colonizada, em 1876, por imigrantes italianos, possui características fortes nas tradições, em especial na religião. Lembro que quando era pequena, ia todos os dias à missa com a Nona; nas festas de família, não se podia começar a comer antes de rezar. Ainda hoje, Ascurra tem como atividade econômica o cultivo do arroz; aliás, meu pai é agricultor. Eu adorava estar naquele lugar; passava tardes e tardes brincando em cachoeiras, com os pés descalços. Vida simples, vida feliz! Eu sempre tive animais de estimação e não eram poucos: sete ou oito. Minha mãe, professora de escola pública e acima de tudo, minha professora. Pois é, cidade pequena é assim. Tendo minha mãe como minha professora tem-se a responsabilidade de ser o exemplo para a comunidade, situação que exigia disciplina de mim e dos meus irmãos Gabriella e Germano. Algo que não era fácil. Por outro lado, o pacato começa a ser questionado e eu ficava imaginando como seria o mundo fora dali.

Quando terminei o ensino médio, participei de exames vestibulares para universidades do litoral catarinense. Ouvia de meus familiares que eu não precisava sair de Ascurra para estudar, afinal existia uma faculdade ali perto. Mas eu não queria a acomodação, estava disposta a enfrentar o que fosse preciso para me mudar e conhecer novas culturas e pessoas. Foi como cheguei a Balneário Camboriú e Itajaí – SC.

Depois de concluir o curso de graduação em Comunicação Social com ênfase em Relações Públicas, tentei a vida na megalópole, São Paulo. Morei por um tempo

na cidade de São Bernardo do Campo, na região metropolitana paulista, procurando alguma oportunidade dentro do setor de Comunicação. Mas não foi nada fácil e a busca acabou sendo infrutífera. Como eu não tinha o conhecimento de outro idioma - em especial a língua inglesa - as coisas eram mais complicadas, pois limitavam muito minhas chances de ingresso no mercado de trabalho que tanto sonhava. Então, retornei para Itajaí, Santa Catarina. Foi quando resolvi trabalhar para juntar dinheiro e tentar um curso no exterior. Decidi que seria importante aprender, já que sempre gostei da língua inglesa.

Num belo dia do mês de abril, estávamos eu e Tatianna, minha prima, a quem vou me referir neste livro apenas como Tina, almoçando em meu apartamento. Enquanto limpávamos a cozinha, contei-lhe sobre minha vontade de viajar para fora do país e de quão aquilo era importante para mim. Subitamente, Tina se agitou entusiasmada dizendo que tínhamos uma amiga em comum fazendo um programa de intercâmbio, chamado *Au Pair*. Era um programa no qual íamos para alguma cidade dos Estados Unidos (ou outro país no qual houvesse o programa) para estudar. Mas trabalharíamos como babás em um casa de família em troca do estudo, moradia e dinheiro.

Rapidamente, me explicou como funcionava o programa: primeiro escolheríamos uma empresa; depois, era necessário se cadastrar, fazer um teste de inglês, providenciar os documentos necessários e então achar uma família que “combinasse comigo”, no sentido de que as expectativas da família pudessem ser atendidas pelo meu perfil pessoal. Acrescentou ainda que eu pagaria um valor para o cadastro, mas que teria moradia, alimentação e uma quantia de dinheiro para estudar, além do salário que receberíamos por cuidar das crianças.

Na hora fiquei assustada. Como poderia existir algo assim? Nesse momento me virei e perguntei, decidida, para Tina:

- Vamos fazer este programa?

Agora, foi Tina quem ficou assustada. Afinal não tínhamos lido nada sobre o assunto. Tratava-se, simplesmente, do relato de experiência de uma pessoa, mas, levada pelo meu entusiasmo, acabou concordando e então resolvemos fazer o programa juntas.

Na mesma noite, conversei com meu namorado, Fernando, quem me incentivou e concordou que tal decisão seria importante para mim. Por outro lado, convencer minha mãe, de que era algo seguro, já não foi tão fácil. Ouvia todos os tipos de comentários e opiniões de familiares: de como que seria difícil meu relacionamento com Fernando sobreviver à distância e ao tempo em que ficaríamos separados ou da dificuldade de viver longe em um país estranho.

Entretanto, uma de minhas tias dizia que eu estava sendo corajosa em ir morar com alguém que eu nunca tinha visto antes, acrescentando que “todos deveriam fazer isso” e que seria importante para mim.

Procurava ouvir a todos, afinal, eu também não fazia ideia do que estava me esperando tão longe de casa, e isso também me dava medo.

Parti em busca de informações sobre o programa e das providências necessárias. Não era tão simples assim, afinal precisávamos de muitos documentos, como confirmação de experiência de trabalho com crianças, atestados médicos, entre outros. A expectativa para com o programa aumentava a cada dia. Nem acreditava que meu sonho se realizaria.

Enquanto juntava a documentação, comecei a procurar aulas de inglês em Itajaí, pois deveria demonstrar conhecimento básico para conseguir passar no teste da agência. Como a fase de cadastro é um pouco longa, dá tempo de estudar. E não é que, quando estava finalizando o processo da documentação, me chamaram para fazer o teste? Foi apenas uma conversa com poucas perguntas sobre o dia-a-dia, do qual saí aprovada e muito feliz. Acreditem, é o básico mesmo.

Agora só faltava esperar para liberarem meu “login” e senha do programa para que encontrasse a família que me acolheria. Aqui começou a confusão, pois não foi tão simples como parecia.

Quando pensei que estava tudo tranquilo, recebi uma notificação “online” de que o programa queria mais detalhes sobre meu prontuário médico - como eu fazia tratamento de enxaqueca e precisava levar meus remédios - a família precisava ter conhecimento disto. O tratamento, na verdade, era preventivo, para não ter problemas futuros. Mas o programa queria mais explicações. Fui até meu médico e solicitei mais atestados explicativos que encaminhei para análise. Porém, este procedimento retardou em quase 15 dias a liberação da documentação. Então esperei a aprovação.

Enquanto eu estava com todos esses problemas, Tina já estava em contato com as famílias. Foi incrível como o processo dela funcionou rapidamente, comparado ao meu. Neste momento já brinquei com ela: “a minha viagem está começando bem”.

Recebi outra notificação. Desta vez a solicitação de explicações sobre um atestado de que eu cuidara de crianças por quase oito anos. Sinceramente, aquilo estava me deixando aflita. Por que tanto questionamento? Comecei a ficar preocupada pensando que era um sinal de que eu não deveria sair do Brasil. Neurose pura. Com a ansiedade a toda, qualquer coisa, que emperra no meio do caminho, faz você ficar maluca.

Mas, persistente, não me deixei abater e resolvi continuar assim mesmo.

Fui até Ascurra para falar com Palmira, uma antiga vizinha e muito amiga de família de quem cuidei da filha, Daniela, e que assinou a documentação comprobatória de minha experiência com crianças. Expliquei-lhe todo o ocorrido, e ela, mais uma vez, se dispôs, prontamente, a me ajudar com total carinho e atenção, assinando novos formulários.

Paralelamente, Tina, que começara o processo junto comigo, já tinha feito contato com uma família e embarcaria para os Estados Unidos em 10 de novembro de 2008.

Não acreditava que aquilo estava acontecendo comigo. Foram quase vinte dias, excedentes ao processo, de pura ansiedade com todos os problemas de documentos que tive. Mais uma vez, paciência.

Esperei, apenas esperei. Até que, era uma quarta-feira de manhã, quando acordei e recebi a notícia de que minha inscrição fora aceita. Fiquei muito feliz. Liguei imediatamente para minha mãe, para o Fernando e para a Gaby, minha irmã. Agora era esperar até que a primeira família entrasse em contato, o que demorou dez dias. Juro, são os dez dias mais longos que podem existir para uma candidata a *Au Pair*. E acho que, como todas que esperam por uma família, eu abria o site para ver meu cadastro a cada cinco minutos (de verdade), esperando por novidades.

Nesta fase, troquei e-mails com uma família que me ligaria no dia seguinte. Estava em um shopping de São Paulo, com Fernando, quando recebi a ligação. Fiquei muito nervosa, pois não imaginava como seria falar ao telefone sem ter o domínio do inglês. Tentamos nos comunicar duas vezes, mas em ambos momentos a ligação estava ruim. Eu senti que havia perdido aquela família, o que se confirmou, pois não me ligaram novamente e nem enviaram e-mail. Era uma pena. O desespero e a ansiedade só aumentavam.

Esperei outra família entrar em contato. Tina, por sua vez, já estava de viagem marcada e me dizia que era questão de tempo, que eu precisava ter paciência (como se falar adiantasse alguma coisa para uma *Au Pair* que está esperando contato de famílias interessadas).

Passaram-se dias e dias e, nada. Entrei em contato com outras candidatas a *Au Pair* que se encontravam na mesma situação e todas estavam no mesmo dilema. Existem vários *blog's*, *vlog's* e páginas de *Au Pair* na internet. É bom manter este contato, pois ajuda a amenizar a tensão e a ansiedade. Você troca informações com outras pessoas que estão fazendo o programa e isso tem muito a ajudar contra a ansiedade. Sempre existe alguém, com os mesmos problemas de você, para ajudar.

Porém, problemas à frente: percebi que não recebia mais e-mail algum das famílias. Achei estranho e entrei em contato com a agência de viagem na qual fiz o teste de inglês e me disseram que era normal. Entrei em contato com o Programa em São Paulo² e também me informavam que era normal. Cheguei a contatar Londres – onde fica a localização da matriz do programa - e obtive a mesma resposta. Mas não estava convencida de que era normal.

Começou a aflição.

² Primeiro você precisa achar uma agência de turismo que tem o programa de *Au Pair*. Logo depois, eles lhe encaminham para o programa (a partir deste momento, você fala diretamente com o Programa responsável da sua escolha).

Realizei inúmeros testes e percebi que era o meu e-mail que estava com problemas. Não podia acreditar naquilo. Foram mais quinze dias até obter a troca do e-mail do programa. Esse impasse foi imediatamente resolvido.

Voltei para São Paulo, ansiosa e esperando algum contato de uma nova família. Passaram-se mais dez dias e, nada. Era impossível suportar a ansiedade. Mais uma vez, eu passava a checar meu e-mail a cada 5 minutos.

Até que no dia 16 de outubro de 2008, recebi o contato de Patrice. Nem acreditava. Era uma família composta pelo casal, dois filhos gêmeos e um cão labrador! Parecia um sonho, era como eu queria. Sim, você tem o direito de escolher a família, mas eu queria que a primeira fosse “perfeita” e foi!

A carta, resumidamente, dizia assim:

*“Querida Gisella,
Meu nome é Patrice Shields e eu estou procurando por uma Au Pair. Eu recebi um formulário da empresa e eu gostaria de receber mais informações sobre você.
Espero que você tenha recebido o formulário da nossa família através da agência.
Meu marido, Chris e eu, temos gêmeos de 6 anos, Jake (menino) e Rachel (menina). Eles estão no jardim de infância. Nós tivemos 4 Au Pairs anteriormente e tivemos experiências positivas. Nossa babá atual, está conosco há 3 anos e está indo embora em dezembro para viver com a família dela. Nosso trabalho para a Au Pair, será todas as manhãs deixar as crianças prontas e levá-las a escola. Depois, buscar da escola, fazer o dever de casa e levá-las até suas atividades extras (esportes, casa de amigos, parques). Também e ocasionalmente, fazer o jantar e colocá-los na cama (20h). Nós também temos um cachorro chamado Bender. Ele tem 11 anos e é um labrador que é muito amigável. Ele (o cachorro) está ficando velho e com alguns problemas de saúde, mas nós o amamos muito. Nós moramos em New Jersey, em uma casa que tem um quintal grande. A cidade fica a 30-45 minutos de New York City. Têm muitas Au Pairs aqui por perto. É uma área muito gostosa e somos muito felizes aqui (...) Obrigada e aguardo seu retorno em breve.
Patrice”*

Rapidamente, com a ajuda do Fernando, respondi o e-mail e, no dia seguinte, já tínhamos uma mensagem que marcava para nos falarmos por telefone.

Fiquei tão ansiosa pelo telefonema, que não dormi durante a noite. Marcamos para conversar às nove horas (horário do Brasil). De pijamas e nervosa, sentei ao lado do telefone e esperei. No horário marcado, o telefone toca. Eu não conseguia entender 80% do que Patrice falava ao telefone. Percebi que minhas aulas de inglês não tinham me ajudado muito, mas a palavra “Yes” saía a todo momento pela minha voz trêmula. Apenas ouvi a pergunta:

- Tudo bem para você fechar com a gente? Para mim está tudo ok e não preciso mais fazer perguntas! Gelei e, feliz, respondi que sim. Ela então perguntou se ficava bem eu chegar aos Estados Unidos no dia oito de dezembro e eu confirmei.

Então, dia 19 de outubro, chegou o momento que todas as *Au Pairs* esperam: o fechamento do programa com a família!

No mesmo dia em que nos falamos pela primeira vez por telefone, Patrice já confirmara comigo. Naquele momento, eu já estava pensando no embarque e em como minha vida mudaria, após mais 44 dias. A família era judaica e morava numa pequena cidade, chamada Upper Saddle River, no interior do Estado de New Jersey, próximo ao Estado de New York, composta pelos pais Chris e Patrice e pelas crianças Jake e Rachel, um casal de gêmeos de 6 anos, além de um cachorro labrador chamado Bender, que estava com eles há onze anos.

Depois de tanto sufoco e trabalho, chegara a minha vez. Eu nem acreditei! Depois de tantos papéis, tanto formulário para preencher, eu iria embarcar. Faltava apenas providenciar o visto de embarque, o que ocasionava ainda um friozinho na barriga.

Dia 27 de outubro

Foi marcada a entrevista para o visto no Consulado Americano, em São Paulo. E agora? Tina chegara de São Paulo e a enchi de perguntas. Fiquei feliz por ela e aproveitei para perguntar como tinha sido, e saber como funcionava.

Preciso reconhecer que ficou mais fácil ter Tina como precursora. Eu refazia a sua caminhada. Dia 05 de novembro seria minha vez. Foram mil dúvidas vindo à cabeça. O que perguntariam? Que documentos pediriam? Como eu precisaria agir? Enfim, só me restaria esperar.

Chegou o dia 4 de novembro, véspera da entrevista no consulado. Embarcaria para São Paulo, porque, no Brasil, os vistos são tirados em apenas alguns Estados. São Paulo era o mais próximo para mim.

Bom, mas o que falar dos problemas de minha viagem? Nem sei por onde começar! Como sempre, confusões à vista. Resumindo: estava em Santa Catarina, com passagem a São Paulo, para a entrevista. Porém, dependia de documentos vindos de Londres que não tinham chegado ainda. Eu havia enviado um e-mail para a agência de *Au Pair* na segunda-feira anterior, mas, após mais de 24 horas, nada de resposta. Firme em meu propósito de comparecer no Consulado, liguei para a agência de entregas, disposta a rastrear e buscar o material. A atendente me informou que o pacote já saía de São Paulo em direção a Santa Catarina.

Ufa! ligo para o correio catarinense achando que pegaria a carta. No entanto, a remessa não tinha sido encaminhada ainda. Ligo novamente para São Paulo (já eram 13h30min e meu voo sairia às 18h) e solicito, outra vez, saber onde estava a "*maldita*" carta. Incrivelmente, agora me informam que estava em São Paulo e a

atendente completa: "Em 06 dias úteis você a receberá" e eu, muito nervosa pergunto "Alguém poderia retirar para mim em São Paulo?". Depois de uma pausa de suspense, ela diz: "Acho que sim". Que alívio! Fernando talvez pudesse retirar, valeria a pena tentar. Passei todos os dados dele a ela, que informou que até às 17h15min, no máximo, teria que retirar a correspondência.

Tudo resolvido? Quem dera. No meu caso, ainda não! Começou outra correria, pois Fernando teria que atravessar a cidade de São Paulo (com seu trânsito caótico) em uma hora e meia. Quase impossível! Mas ele tentou enquanto eu me dirigia ao aeroporto, apreensiva. Sem esse documento, minha entrevista do visto seria em vão. Era o documento que comprovava que eu estava indo ser *Au Pair*.

Após muita aflição, medo e choro de tanta preocupação, Fernando me liga, ainda antes de eu embarcar rumo a SP, e diz: "Não estão liberando minha entrada na empresa". O choro e a aflição aumentavam. Eram já 17h10min quando ele me liga novamente e diz: "Teu envelope está comigo!" Não podia acreditar, parecia um sonho. Agora embarcaria tranquila.

À noite, quando cheguei à casa de Fernando, meu cunhado Felipe que pagara a taxa de visto, não encontrava o comprovante de pagamento. Já tarde da noite, fomos de São Bernardo do Campo até São Paulo tentar achar o comprovante e nada. Reviramos o carro dele e nada, reviramos a casa e nada. A única solução seria tentar resolver no consulado. Mas como? Mais uma noite sem dormir.

05 de novembro

Nervosismo dobrado, pois faltava o comprovante da taxa. Sou uma das primeiras a chegar, às 5h55min da manhã. Entramos e a primeira coisa que o atendente pede é o bendito comprovante. Eu sabia!

Tentei explicar que meu cunhado havia pagado, mas o perdera. Perguntei se tinha alguma forma de localizar o pagamento, via sistema informatizado, e o responsável responde:

- Não, moça. Dirija-se à cabine 19 e pague novamente.

Meu Deus! Meu mundo parecia ter desabado. Fui uma das primeiras a chegar para não resolver nada e ainda ver a fila aumentar. Como tive que me dirigir à outra fila, perdi a vez na fila para a entrega dos documentos e para a entrevista. Espero por uma hora até ser atendida de modo bem mal-educado no banco interno ao consulado. Explico novamente minha situação, mas o atendente se mostra irredutível, reafirmando para pagar de novo, fora do consulado.

Mais desespero, vontade de desistir, chorar, sei lá. Enfim, quando estava saindo do consulado, alguém na fila me chama: "Moça, o rapaz do caixa quer falar com você". Quando voltei, ele disse que aceitaria o pagamento da taxa ali mesmo. Mas era uma quantia grande e eu teria que ir até um banco mais próximo para sacar

e voltar direto (sem fila). Em alguns momentos aparecem uns “anjos” no meio de toda a confusão.

Saquei o dinheiro, paguei a taxa sem fila e comecei as fases do visto. Nesse momento a fila da entrevista estava enorme.

Pré-entrevista (quando você entrega os documentos);

Impressão digital; e

Entrevista...

SOCORRO!

Quando chamaram meu número, quase tive um infarto, resultado de todo o estresse gerado pelos problemas anteriores. Ninguém poderia entender minha aflição ou os olhos inchados de tanto chorar (de tanta angústia). Imaginava mil coisas, durante os poucos segundos, nos quais me dirigi ao balcão, com medo de mais alguma coisa sair errado, mas fui, firme e forte.

Imagina! Pego a mulher mais rabugenta de todos os guichês. A entrevista começa:

- Seu passaporte? – isso mesmo: sem um “bom dia” ou “tudo bem?”. Ela me pede e lhe entrego, ainda calada. - Pegue o telefone (a cabine tem um vidro, onde só é possível comunicação via telefone).

Tentando quebrar o gelo, lhe dou “bom dia” sorrindo, mas ela, séria, começa suas perguntas, sempre em inglês. Na primeira pergunta eu já gelei pensando que não fosse entender o que ela falava:

- Você será *Au Pair*?

- Sim.

- Quantas crianças são?

- Duas.

- Qual a idade delas?

- 06 anos.

- O que você faz aqui?

- Trabalho na Faculdade e sou secretária acadêmica.

- Há quanto tempo você trabalha lá?

- Seis meses.

- OK, aprovada. É só pagar o Sedex e esperar seu passaporte!

Isso mesmo: “é só esperar o passaporte”. Não sabia se chorava ou ria. Enfim, após toda a confusão, consegui meu visto. Saí do consulado, rindo à toa. As pessoas na rua me olhavam e eu apenas sorria. Saí saltitante e ligando para todo mundo.

Doze dias depois, após receber meu visto, fomos levar Tina ao Aeroporto Internacional de São Paulo, em Guarulhos. Parecia que era eu quem estava embarcando. Que ansiedade, que nervosismo, que vontade de estar junto dela! Enfim, minha hora também estaria chegando: Tina e eu nos veríamos em breve.

Estava feliz porque meu passaporte estava em minhas mãos e, no dia seguinte, fui à Blumenau, Santa Catarina para tirar minha carteira de motorista

internacional. Ela não é obrigatória. Depende muito do programa que a *Au Pair* escolhe e da família. No meu caso precisei tirar, mas ela valeria apenas por seis meses.

20 de novembro

Os tão esperados dados para o voo chegaram. Não teria mais como voltar atrás, já estava definido. Meu ano de 2009 seria vivido nos Estados Unidos. Se isso seria bom, ninguém sabia, mas eu estava prestes a embarcar:

Dia do voo: 07 December 2008

Aeroporto: Gru, Sao Paulo Arrival Airport: Washington (Dulles), Dc

Saída: 07-Dec-2008 at 23:55 Arrival time: 08-Dec-2008 at 06:25

Voo de conexão:

Dia do Voo: 08 December 2008

Aeroporto: Washington (Dulles), Dc Arrival airport: New York (Newark), Nj

Saída: 08-Dec-2008 at 12:26 Arrival time: 08-Dec-2008 at 13:59

Uma semana depois de receber meus horários, fui para Ascurra, me despedir de meus tios, primos, vizinhos...e, por fim, da minha Nona!

A chuva de Santa Catarina deixara o caminho muito triste e a dor no meu peito era grande: a enchente no Vale do Itajaí de 2008 foi cruel. As cidades de Gaspar, Ilhota e Blumenau estavam cobertas por lama, água, sujeira e desmoronamentos, piorando a sensação do momento. Em alguns momentos no caminho, tínhamos apenas uma via na estrada. A viagem, que, geralmente, era agradável, naquele dia só me trouxe tristezas. Eu sentia algo dentro de mim muito estranho. Uma felicidade inexplicável e ao mesmo tempo a saudade da família já me fazia chorar, antecipando o sentimento.

Foi muito ruim me despedir da minha Nona, alguém tão especial para mim. Cheguei à casa dela quase às 14h e lá estava meu almoço, feito com carinho e cuidado, além de delicioso! Aproveitei pra comer bastante a comidinha dela, pois iria fazer falta por um ano. Família italiana é assim: você chega e sempre tem lugar na mesa para mais um. E comida para mais mil!

Em seguida, fui me despedir da tia Júlia, da Dani, quem eu amo muito e de quem cuidei por muitos anos, e depois do meu nono Germano (*in memoriam*), de meus tios. Foi muito bom receber os votos de “boa viagem” de todos. Ainda chovia bastante e o caminho no bairro Ribeirão São Paulo quase inundou, mas consegui retornar à casa da Nona. Após um jantar delicioso (ela fez sopa para mim) e repleto de emoção, recebi sua bênção e sua famosa frase: “Juízo, Gisa”. As lágrimas caíram. Pode parecer estranho, mas o apego pela minha Nona é grande. Ela já está com 85 anos e demonstra 60. Uma energia fabulosa e muito carinhosa. Saí lhe entregando

uma pequena lembrança e ela me dando um saco com blusinhas que tinha costurado para mim.

Vou me lembrar da minha Nona em todos os momentos de minha viagem. “Te amo muito, Nona e até a volta!!!”

No último domingo, dia 30 de novembro, minha mãe fez um almoço delicioso para a despedida! Além dela, estavam presentes meu pai, minha irmã Gaby, o Mano, e alguns amigos íntimos. Foi muito divertido.

Minha mãe me ajudou a arrumar as malas e já estava sentindo falta de todo aquele carinho. Quando peguei as blusinhas, que minha Nona tinha me dado, apareceu um sabonete de erva-doce de presente. Ela não parava de me impressionar. A minha mãe me ajudou em todos os detalhes da mala, e com toda aquela preocupação de mãe, ela ajeitava e cuidava de tudo. Eu estava adorando. Não precisei fazer nada. Ela apenas me olhou e disse:

- Deixa que eu a arrumo. Tu vais ter um ano para cuidar de suas coisas sozinha. Sem hesitar, deixei-a terminar tudo e agradei.

À tarde, todos me levaram para o aeroporto de Navegantes, onde embarquei para São Paulo. Eu passaria a última semana com Fernando, antes de partir. No aeroporto, todos me entregaram uma lembrança e me deram um abraço forte, sempre me desejando sorte.

Aproveitei a semana para conversar bastante com minha família dos Estados Unidos. Ficamos trocando muitos e-mails. O labrador Bender falecera na última segunda-feira; fiquei triste também. Pelo que senti, a família estava muito abalada.

Última semana em São Paulo

A semana transcorreu tranquila. Ajudei Fernando nos serviços de sua produtora de vídeo, a Singular Filmes e jantamos com um pessoal que trabalhou em um filme publicitário seu.

Minha mãe e meu irmão vieram passar o final de semana comigo para se despedirem e me levarem ao aeroporto.

Finalmente era a hora do meu embarque: terminei de arrumar tudo e fomos ao aeroporto para o grande momento. Finalmente iria embarcar aos Estados Unidos e realizar meu sonho de viver em um país estrangeiro.

A viagem: meu voo saía às 23h55min.

Começou o friozinho na barriga, o medo, a ansiedade de embarcar, meu Deus! Meu cunhado estava no aeroporto e me despedi dele. A despedida foi ruim. Minha mãe e meu irmão vieram até São Paulo para se despedir de mim mais uma vez. Não queria chorar, mas pensar que ficaria um ano sem ver minha mãe, meus irmãos e meu namorado, era mais do que podia suportar. Foi uma despedida breve,

mas bem emocionante. O mano é alto e me pegou no colo. Um abraço que só ele sabe dar. Impossível não chorar. Ao lado, era possível ver outras meninas com a mesma camiseta que a minha, do programa de *Au Pair* que escolhemos. Cada uma delas, tinha seu jeito único de se despedir de suas famílias.

Contudo tentei me acalmar. Enquanto me dirigia à sala de embarque, o frio na barriga aumentava. A primeira parte é passar pela revista (tirar relógios, brincos, cintos, casacos, bolsas e sapatos). Logo em seguida, mostramos a passagem e o passaporte. Encontrei outras meninas, na entrada do voo, que também integravam o programa e então começamos a conversar. Era possível notar os olhos cheios de lágrimas de todas elas. Fiz amizades e comecei a tirar fotografias com as outras *Au Pairs*! As primeiras que tive contado foram a Thalita, Tamires e Taíza. Para facilitar, já comecei a chamar as três de “Tá”. Em momentos como esse, nada melhor que estar junto de outras *Au Pairs*. Como elas estão passando pelas mesmas angústias que você, ajuda muito. Já tinha andado de avião antes, mas esse chamou a minha atenção. Os aviões que fazem voos internacionais são extremamente grandes. As fotos não paravam.

Durante o longo voo (de quase 9 horas, o maior que havia feito até então), muito nervosismo, várias coisas passavam em minha cabeça: como seria a vida lá? Como eram as cidades, as pessoas, os costumes? Enfim, muitas dúvidas surgiam. Tentava me distrair assistindo TV ou pensando na altitude em que estávamos: 10 mil metros de altura e -60°C (isso pode mesmo ser verdade?). Para alguém que viaja pela primeira vez para fora do país, isso é algo incrível. Conheci a Clélia, um amor de pessoa. Para ela, aquela viagem era como se fosse, para mim, ir até a praia! Simples assim! Ela fazia a viagem todo mês e estava acostumada. Passou-me muitas dicas e informações. Adormeci por umas 2 horas, mas acordei ainda mais ansiosa. O nervosismo era grande demais e não me deixava dormir em paz.

Após o café-da-manhã, logo pousamos em Washington DC.

Socorro... estamos chegando!

A sensação foi engraçada, porque saí com a Clélia, minha vizinha de poltrona, e nem vi as outras *Au Pairs*. Ela pediu que eu a seguisse, uma vez que se fôssemos rápido, não pegaríamos fila. Ela me ajudou a encontrar a imigração e foi realmente do jeito que ela falou. Todo mundo falando inglês ao redor, foi curioso. Parecia outro mundo, e eu, que achava que entendia um pouco de inglês, não conseguia entender uma palavra sequer.

A imigração foi simples. Fiquei impressionada com o aeroporto. Como tudo era grande, organizado e limpo. O policial me fez algumas perguntas breves, de onde e com quem eu iria morar, autorizando minha entrada no país. De novo, outra revista. Tirar sapatos e tudo mais. Não consegui entender o porquê daquilo: se passamos pelo raio-X antes de entrar no avião e nem saímos dele? Mas, enfim... vamos em frente!

Após a saída, nosso primeiro café-da-manhã em terras americanas: “*Starbucks lovers!!! Yes, we love this!*” Muito engraçado não entender o que as pessoas te perguntam ou explicam. Eu simplesmente olhei na maquininha, e paguei com cinco dólares. Comprei um café mocha e um *muffin*³. Estava ótimo!

Esperei por quase quatro horas a conexão em direção a Newark – New Jersey. Clélia se despediu de mim e foi para a sala de embarque dela. Não queria ficar sentada esperando, mas também tinha medo de me perder. Resolvi sair e procurar as outras meninas. Peguei o ônibus de volta ao saguão principal e facilmente as achei. Thalita, Tamires e Taíza. Elas estavam tão nervosas quanto eu.

Elas estavam comendo no *Wendy’s*, uma lanchonete menor do aeroporto. Pelo aspecto, nem tive coragem de experimentar. Comecei a perceber que a comida dos Estados Unidos não me agradaria muito.

Ficamos o resto do tempo esperando o voo, sentadas e falando em como seria ser *Au Pair*, nos problemas que iríamos encontrar, nas diferenças de lugares e nas famílias.

Logo anunciaram o embarque. Quando chegamos, um susto: nosso avião era muito pequeno. Engraçado sentir a diferença em todos os detalhes de cada viagem. Tirei muitas fotos do avião e do cenário que via a partir dele. As casas todas enfileiradas, tudo organizado. Como podia ser tudo tão diferente, mesmo estando tão alto? Tudo parece um sonho!

Logo chegamos à cidade de Newark, Estado de New Jersey. De novo, que nervosismo! Havia uma senhora muito simpática com a placa *Au Pair* junto com o nome do programa de que fazíamos parte e todas nós fomos ao seu encontro.

Após os trâmites de desembarque, fomos para um ônibus fretado pelo programa. Aproveitei para ligar rapidamente para minha mãe e para o Fernando. Saímos do aeroporto e aquele frio: 4°C negativos. Ninguém conhecia um frio assim. Mesmo eu sendo do Sul do Brasil, o frio era diferente, penetrava na pele e não tinha como ficar do lado de fora.

Durante o trajeto, me encantava com a beleza do lugar. Claro, chorei de emoção. Era tudo tão lindo, tão gostoso, nunca esperei passar por algo assim. Pequenas coisas e tudo tão diferente. Era um pouco assustador por ser inverno, quase não era possível ver árvores verdes nas ruas.

Na chegada ao hotel, deixamos nossas coisas na recepção e fomos para a sala onde teríamos, dali para frente, nosso treinamento de uma semana. A cidade era Stanford no Estado de Connecticut.

³ *Muffin* é um tipo de bolo americano semi-doce que serve uma pessoa. Pode ser de frutas, chocolate ou salgado.

O treinamento

Alegria misturada à aflição. Todos aqui, obviamente, falam apenas o inglês: ou você entende ou você *entende!* Não tem jeito. Ninguém mais irá te ajudar em português. Pensei: agora preciso me virar.

Logo, na chegada ao hotel, Jody, a responsável pelo treinamento de todas nós, se apresentou e falou algumas poucas coisas, nos liberando em seguida para descansarmos. Estávamos todas “mortas” de sono, a semana não seria fácil, mas ninguém queria saber de dormir. Todas estavam muito ansiosas para conhecer o lugar, as ruas, as pessoas. Após andar para comprar cartões telefônicos⁴ metade das meninas voltou para o hotel e a outra metade foi procurar um Shopping que disseram existir. Aproveitei para ligar para o Fernando, minha mãe e comprar algumas coisas. As meninas estavam comigo o tempo todo, assim tudo era mais fácil.

Voltamos para o hotel e só queríamos dormir. Pensar que no outro dia o despertador iria tocar às 7h da manhã dava até um arrepio. Estávamos cansadas, exaustas, querendo dormir por uns dois dias consecutivos. Fiquei feliz, pois estava sozinha no quarto. Arrumei minhas coisas, tomei um demorado banho de banheira e fui deitar. Quando eram 23h entraram mais duas meninas no quarto. Estava tão cansada que nem dei boa noite para elas, apenas dormi.

No dia seguinte, tocou nosso despertador e o cansaço parecia que tinha aumentado. Troquei-me e desci para o café-da-manhã. Começou então o martírio de todas nós: a comida era péssima! Nesse primeiro café-da-manhã, tinha suco de laranja⁵ (horrível), pão seco (não torrado) para comer com geleia e manteiga. Apenas isso. As frutas não têm o mesmo gosto que as nossas (ou não sou acostumada com elas).

Começava o treinamento! Tinha meninas de todos os cantos do mundo: Alemanha, França, Suíça, Espanha, Tailândia, África do Sul, Costa Rica, Inglaterra, Ucrânia, Argentina, Bolívia, Colômbia, Guatemala, México, Canadá, Namíbia e enfim, em maior número, dezessete brasileiras. Fiquei fascinada com aquilo tudo: as meninas de vários países, as diferenças culturais, as vozes com inúmeros sotaques e as diferentes línguas! Era maravilhoso! Não era possível entender nada, mas era fascinante.

O treinamento era cansativo. Tudo bem! Era importante, mas cansativo. Nós queríamos apenas dormir, e que o dia de encontrar a família chegasse logo!

O treinamento era baseado em vídeos sobre o programa; experiências das famílias e relatos de antigas *Au Pairs*. Fazíamos brincadeiras de crianças e aprendemos algumas gírias infantis. Foi possível aprender também, um pouco sobre

⁴ Muito interessante poder comprar cartões telefônicos por 5 dólares e poder falar por várias horas de ligação para o Brasil.

⁵ A laranja dos Estados Unidos é mais cítrica, o que faz o suco ser um pouco diferente do brasileiro.

a cultura dos americanos. Já no treinamento, as responsáveis nos explicavam sobre as diferentes famílias, temperamentos e religiões. No meu caso, isso era importante, eu estava indo para uma família nova e com religião diferente da minha.

No segundo dia tivemos treinamento para primeiros socorros. Foi apavorante! O rapaz que explicava era excelente, mas, quando uma menina tomou seu lugar, não entendi quase nada. Fiquei apenas olhando para ver se conseguia captar alguma coisa do que ela dizia. Falava muito rápido, sendo impossível acompanhar qualquer coisa. Eles explicaram sobre parada respiratória, engasgamento, enfim, coisas que todas devemos saber e que as *Au Pairs* prestassem muita atenção, pensando que um dia poderiam usar os procedimentos. Porém, ao mesmo tempo, tínhamos a sensação de que seria impossível conseguir agir em uma situação do tipo.

Na última noite no hotel foi difícil dormir. Eu pensava em muitas coisas: na minha família, se um ano era muito ou pouco tempo, se iria conseguir aprender bem o inglês, se conseguiria superar as dificuldades e se iria me adaptar à família. Eu acredito que a família que nos receberá pensa tudo isso também. A partir deste momento, não verei mais as meninas e será cada um por si.

Não poderia perder o foco: meu objetivo principal da viagem era aprender inglês e ter uma experiência em outro país.